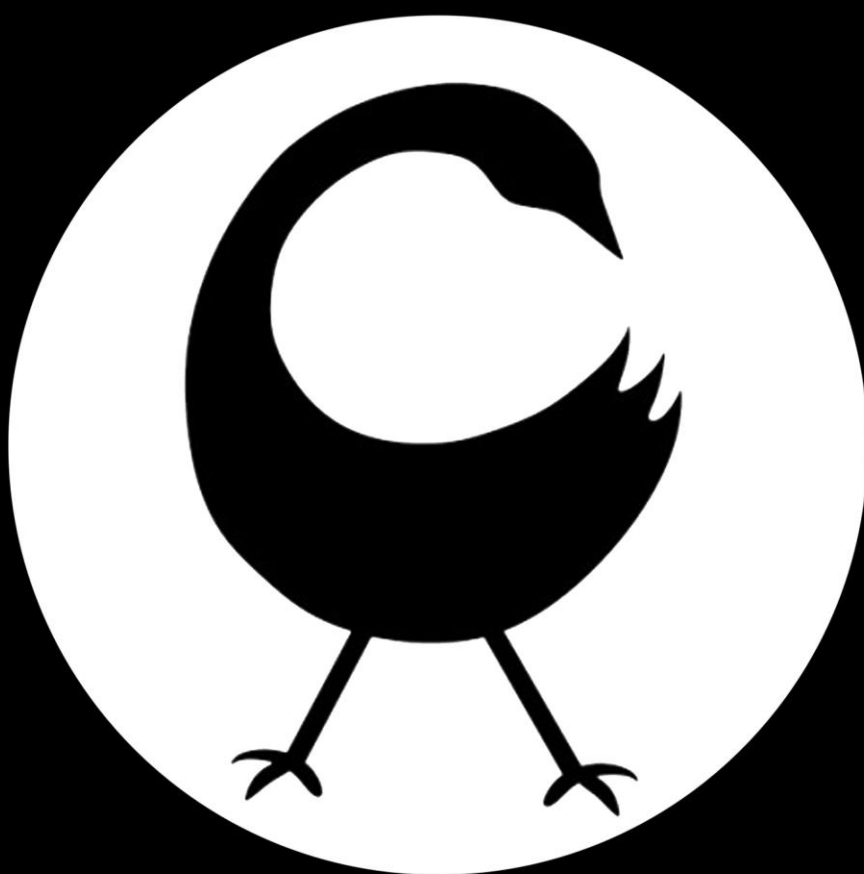


**REFLEXÕES SOBRE A SABEDORIA AFRICANA:
Romper, Rever e Repensar em Sankofa**



Maurício Waldman



**EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 12**

REFLEXÕES SOBRE A SABEDORIA AFRICANA: ROMPER, REVER E REPENSAR EM SANKOFA ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Por inúmeras vezes nas últimas duas décadas, estive à testa de cursos de capacitação em afro-educação. De igual modo, em múltiplos momentos fiz uso da palavra, quando assim exigia o andamento das interações em sala de aula, para explanar sobre o símbolo africano relativo ao pássaro *Sankofa*, ou “o patinho”, tal como simpaticamente meus alunos a ele se referiam (Figura 1).

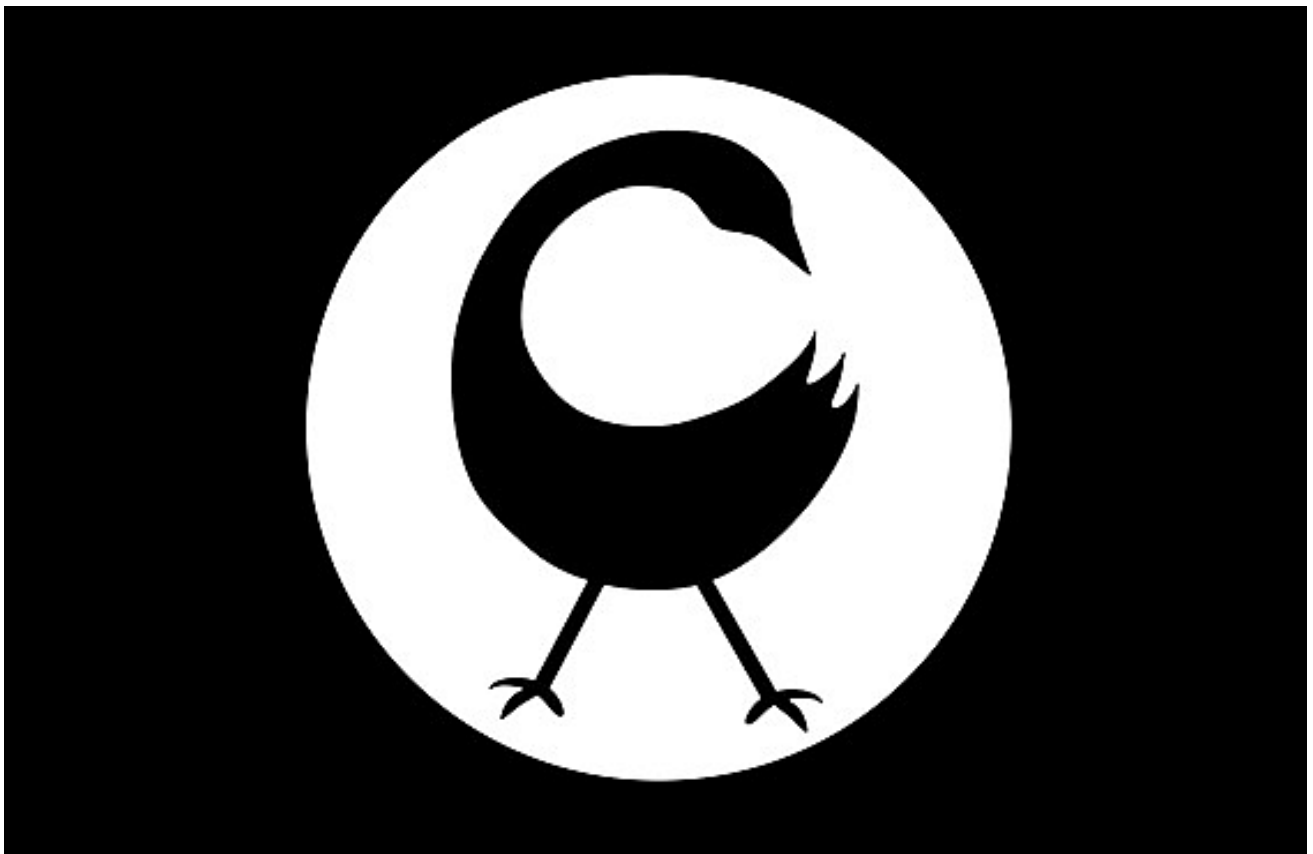


FIGURA 1 - Sankofa na iconografia mais popular e representativa, com largo trânsito no imaginário africano contemporâneo e em toda a diáspora negra (Fonte: Pinterest, < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 19-01-2016)

A imagem de Sankofa, que figura na abertura deste texto e adotado, a partir de conversa com minha amiga Izabel Liviski, para ser o *logo* da *Coluna Antropo-Lógicas na revista eletrônica Contemporartes*, traduz muitos ensinamentos que se enraízam na longa e memorável trajetória dos povos e culturas da África, fonte de inspiração para afro-descendentes e todos que estão atentos aos sentidos últimos da vida.

Antes, porém, de *traduzirmos* o que o pássaro Sankofa tem a nos dizer, seguem algumas reflexões sobre a *Africanidade*. Neste sentido, questionando o regime de estereótipos imposto ao continente, a África foi inegavelmente o berço da Humanidade, das primeiras criações técnicas e culturais, assim como origem de vários e majestosos empreendimentos civilizatórios, a começar pela civilização egípcia.

Africanidade diz respeito a uma extensa pauta de realizações, numa seriação que se estende de notáveis descobertas tecnológicas à arte, relações sociais à estética, da arquitetura às mais diversas interpretações do sagrado. E naturalmente, a toda sorte de modos de comunicação, dos quais os símbolos Adinkra constituem nota particularmente atrativa (Figura 2).



FIGURA 2 - Exemplos de símbolos Adinkra muito difundidos em diferentes contextos de comunicação
(Fonte: Pinterest, < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 19-04-2017)

Justifico a utilização do termo *atrativo* em razão do alto poder de síntese e de representatividade que conotam as simbologias africanas. O sábio maliano Amadou Hampaté Bâ referiu-se em diversos textos à capacidade do africano em criar imagens e modelos que captam a essência dos fatos da vida, impregnando de pronto a visão e a mente de quem os observa.

Não é por outra razão que muitos expoentes da arte moderna foram seduzidos pelas proposições imagéticas oriundas da África, dentre os quais Pablo Picasso, Henri Matisse, Vincent van Gogh, Paul Gauguin e Amedeo Modigliani. É também por este motivo que a África mantém-se no *status* que reconhecidamente desfruta: de configurar um imenso manancial de manifestações artísticas, que encantam todos os povos do mundo.

Nesta derivação é que podemos comentar o Sankofa e o sistema de símbolos ao qual se integra. E tal-qual a todas as sistematizações simbólicas do continente, o código Adinkra mantém relação íntima com a Africanidade. Ou seja: associa-se a um conjunto de premissas que localizamos num heterogêneo leque de povos e culturas do continente.

O Adinkra é um conjunto de símbolos muito prestigiado na África Ocidental para transmitir mensagens e valores das comunidades. Esta verdadeira joia da cultura ancestral africana foi, de acordo com a tradição oral, disseminado a partir de guerra travada no início do Século XIX pelo rei Osei Bonsu, dos Ashanti, contra Nana Kofi Adinkra, que reinava em partes dos atuais Gana e Costa do Marfim.

Vitorioso, Osei Bonsu, além de decapitar o soberano inimigo, tomou-lhe as técnicas dos grafismos e das estamparias ornamentadas pelos símbolos que se tornaram conhecidas como Adinkra.

Este sistema simbólico é particularmente difuso na República do Gana, país onde podem ser vistos nas estampas das roupas utilizadas no cotidiano, nas cerâmicas, adereços arquitetônicos, em festividades e outros eventos (Figura 3).

Muitos ganenses também fazem uso do conjunto ideográfico Adinkra em pequenos pingentes e enfeites. A indústria do turismo popularizou o sistema visual Adinkra na forma de *souvenirs* e camisetas, contribuindo para difundi-lo junto a povos de cultura europeia.

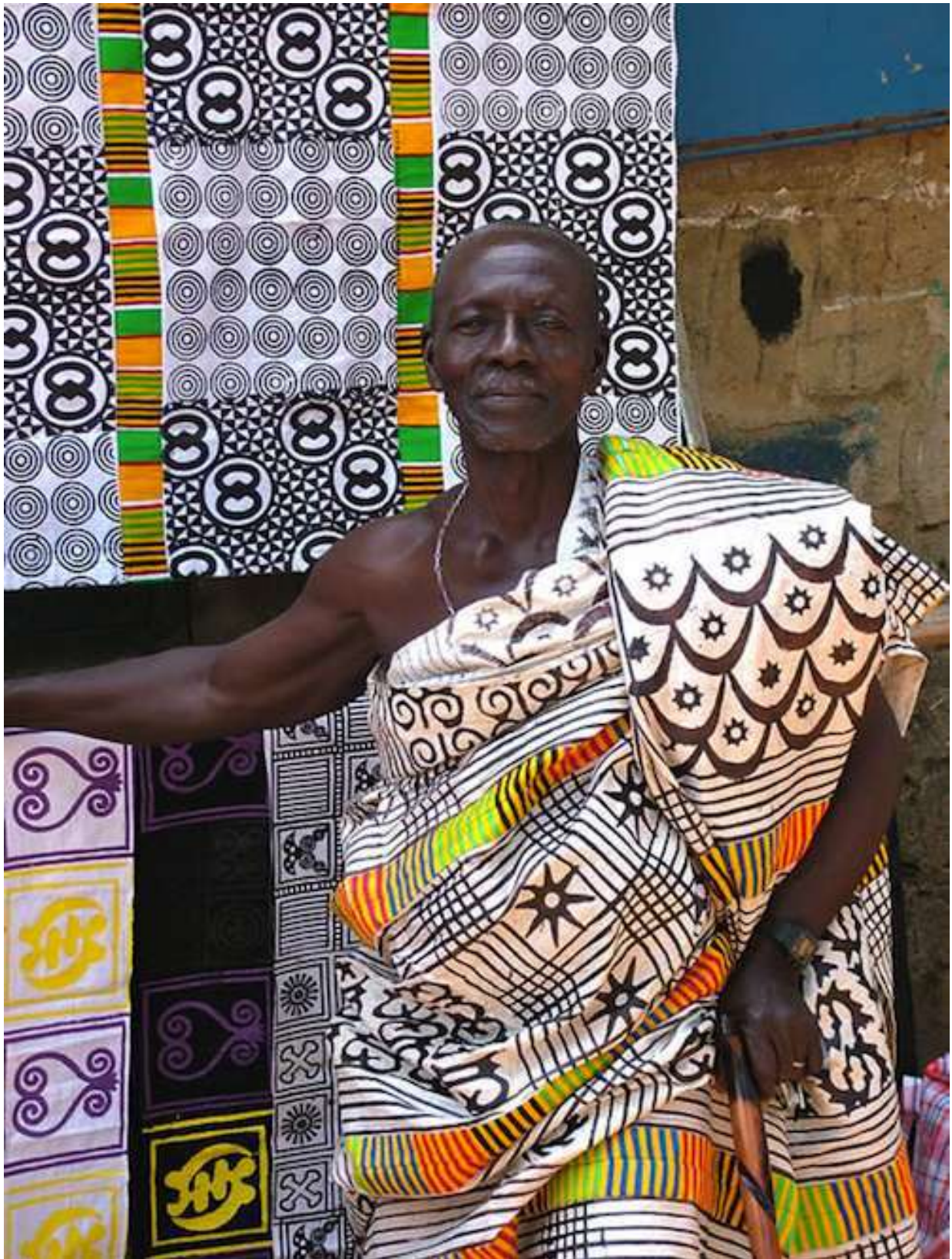


FIGURA 3 - Vendedor ganense de rua de têxteis e peças para vestuário com estampas de símbolos Adinkra, que em muitos pontos do país são produzidos por artesãos especializados nestes tecidos (Fonte: Pinterest, < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 19-12-2018)

Por sinal, Adinkra significa “despedida” ou “gesto de adeus” na língua Twi, possuindo sentido mais profundo com “soltura” ou “emanação” do *Kra*, termo dicionarizado cujo sentido aproximado para a mentalidade ocidental é *alma*. Assim sendo, um Adinkra é bem mais do que um símbolo gráfico.

Possuindo um *design* extremamente criativo, este sistema de comunicação gráfica, que de acordo com certo consenso entre os estudiosos é composto por cerca de oitenta símbolos, carrega, portanto, um conteúdo não apenas estético, mas insere, resguarda e transmite aspectos da história, valores, expectativas e normas culturais dos povos desta porção da África Ocidental.

Cada símbolo remete a provérbios, ensinamentos e prédicas da sociedade tradicional, sempre com articulação visual de matriz ideogramática, a expressar idéias e noções. Nesta perspectiva, os símbolos podem até serem usados de modo decorativo. Mas nunca estão dissociados da função transmitir recados da sabedoria tradicional, aspectos da vida ou do ambiente social.

Note-se que dentre todos os símbolos Adinkra, o princípio Sankofa possui relevância especial. Mais conhecido a partir da versão do “patinho” (Figura 1), Sankofa reporta a um antigo provérbio da África ocidental: *“Se wo were fi na wo sankofa a yenkyi”*. Isto é: *“voltar e apanhar de novo aquilo que ficou pra trás”*. Dito de outro modo, *nunca é tarde para apanhar o que ficou para trás* ou mais sinteticamente, *aprender com o passado para construir o futuro*.

Certo é que a frase faz pleno sentido, pois em si mesma traduz experiências de vida comuns na biografia de todos. Com efeito, o passado é uma herança que não se destaca dos rumos assumidos por pessoas, povos e comunidades. Todavia, mais certo ainda é que quando pensamos este lema apreciando o desenho de Sankofa todos os sentidos e implicações são consideravelmente ampliados.

Observando com mais atenção a imagem do “patinho”, notamos facilmente que o axioma geométrico é o círculo, que somente não é completo em função da lacuna que separa a cabeça do pássaro que olha para trás e o rabo da ave. Ademais, o perímetro da ave apresenta a forma de um ovo, modelado que como veremos não é nada fortuito.

Outra evidência - que não fica explícita de imediato - é que as patas do “patinho” não correspondem às de um palmípede. Qualquer um sabe que patos não possuem garras. Deste modo, a imagem insere várias interpretações, que resumidamente seriam:

1. O patinho olha para o próprio rabo, em vista de que devemos primeiro avaliar no que cada um de nós errou. Não adianta culpabilizar terceiros, exteriorizar responsabilidades. Apenas quando olhamos os próprios desvios é que podemos ter força moral para exigir que os outros também acertem o passo e corrijam seus erros.
2. As patas da ave são garras porque ninguém pode apreciar o que aconteceu pensando no amanhã sem estar firmemente agarrado ao chão. Qual seja: na realidade. Qualquer tentativa de ajuizar o passado e o futuro “sem manter os pés no chão” estará, pois fadada ao fracasso.
3. O círculo tem um lapso por um motivo muito simples: ninguém sai de um círculo vicioso e inaugura um círculo virtuoso sem interromper, desatar, sustar, cortar ou romper com o passado. O passado que não convém é para ser revisto e repensado numa ótica crítica, transformadora das pessoas e da comunidade no seio da qual vive.
4. Por fim, foi dito que o corpo da ave configura uma forma ovalada. Pois bem: nada surge sem rompimento, sem a decisão em vir à luz, de iniciar algo inédito, “sem sair do ovo”, *sem emanar o kra*. Romper, portanto é nascer novamente e ao mesmo tempo, libertar a essência dantes isolada do mundo.

Eis então o que nos ensina a sabedoria ancestral africana. Não existe futuro sem que rompamos as correntes que nos aprisionam, quando não olhamos para nós mesmos e ignoramos a realidade como eixo da avaliação. Lógica concreta e sagaz. Profunda na sua simplicidade. Simplicidade da sabedoria!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

HAMPATÉ-BÂ, Amadou. *África: Um Continente Artístico*. In: Revista O Correio da UNESCO, edição de Abril. Rio de Janeiro (RJ): Fundação Getúlio Vargas (FGV). 1976;

LEITE, Fábio. *Valores Civilizatórios em Sociedades Negro-Africanas*. In Introdução aos Estudos da África Contemporânea. Brasília e São Paulo (DF-SP): Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP) e Ministério das Relações Exteriores, texto mimeo. 1984;

MUNANGA, Kabengele. *África Negra e a Formação da Africanidade*. In: Vozes da África, Biblioteca Entrelivros. São Paulo (SP): Editora Duetto. 2007;

_____. *Povos e Civilizações Africanos*. In: Introdução aos Estudos da África Contemporânea. Texto mimeo. Brasília e São Paulo (DF-SP): Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP) e Ministério das Relações Exteriores. 1984;

NASCIMENTO, Elisa Larkin et SÁ, Luiz Carlos (organizadores). *Adinkra: Sabedoria em Símbolos Africanos*. Rio de Janeiro (RJ): coedição Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO) e Pallas Editora e Distribuidora Ltda. 2009;

WALDMAN, Maurício. *As Magníficas Bibliotecas do Império do Mali*. Série Africanidades nº. 8. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2017. Texto disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/africanidades_08.pdf >. 2017;

_____. *A África Tradicional*. Série Africanidades nº. 15. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2017. Texto disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/africanidades_15.pdf >. 2017;

WALDMAN, Maurício et alli. *Memória D'África - A Temática Africana em Sala de Aula*. São Paulo (SP): Cortez Editora. 2007.

¹ **Reflexões sobre a Sabedoria Africana: Romper, Rever e Repensar em Sankofa** é um artigo digital primeiramente disponibilizado pela Revista Eletrônica Contemporartes em 30 de Março de 2016. A presente edição deste texto foi masterizada em 2017 pela **Editora Kotev** para fins de acesso livre na Internet (Kotev ©). A edição em curso foi revista, incorporando as regras atualmente vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF. A confecção do formato eletrônico contou com a Assistência de Editoração Eletrônica e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Home-Page: www.harddesignweb.com.br. **Reflexões sobre a Sabedoria Africana: Romper, Rever e Repensar em Sankofa** é um material gratuito, sendo vedada qualquer modalidade de reprodução comercial e de divulgação sem aprovação prévia da Editora Kotev (Kotev©). A citação deste material deve obrigatoriamente incorporar referências ao autor e apensos editoriais de acordo com o padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Reflexões sobre a Sabedoria Africana: Romper, Rever e Repensar em Sankofa*. Série Africanidades Nº. 12. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2017.

² **MAURÍCIO WALDMAN** é professor universitário, pesquisador acadêmico, editor, jornalista, consultor e antropólogo africanista, com Graduação em Sociologia (USP, 1982), Mestrado em Antropologia (USP, 1997), Doutorado em Geografia (USP, 2006), Pós-Doutorado em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós-doutorado em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015). Dois dos títulos das pesquisas do autor, Mestrado em Antropologia (USP, 1997) e Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013), constituem trabalhos com área de concentração em África. Waldman foi colaborador de Chico Mendes (1988), integrou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, 1988-1990) e atuou como membro da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção São Paulo (AGB-SP, 2002-2003). No campo do conhecimento africanista, atuou como consultor internacional da Câmara de Comércio Afro-Brasileira (2013-2017), e durante dez anos (2004-2014), como professor nos cursos de difusão cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Waldman foi consultor do Instituto Paulo Freire no campo temático de África e realidade negra brasileira, também desenvolvendo palestras e conferências sobre África & Africanidades em dezenas de cidades brasileiras. Maurício Waldman responde pela autoria de 210 artigos, resenhas, projetos e textos científicos centrados no temário de África & Africanidades. Dentre outros veículos de mídia impressa, os textos de Waldman foram regularmente publicados pela revista África (CEA-USP), Jornal Cultura (Luanda, Angola), revista Brasil-Angola Magazine (São Paulo), revista Contemporartes (Curitiba) e Portal Instituto Afro (São Paulo). É autor de *Africanidade, Espaço e Tradição: A Topologia do Imaginário Espacial Tradicional Africano na fala griot sobre Sundjata Keita do Mali* (Revista África, coedição CEA-USP/Editora Humanitas, 1997-1998, volume 20/21, pp. 219-268), *paper* considerado

internacionalmente relevante pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), o mais influente centro de investigações mantido pelo governo da França (Confira Ficha Catalográfica: < http://mw.pro.br/mw/cat.inist.fra_2017_kotev.pdf >). Maurício Waldman é coautor de *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula* (Cortez Editora, 2007), obra de referência no campo africanista brasileiro.

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Verbete Wikipedia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato Email: mw@mw.pro.br

SAIBA MAIS SOBRE O MUNDO TRADICIONAL AFRICANO

MAURÍCIO WALDMAN



AFRICANIDADE, ESPAÇO E TRADIÇÃO:

**O imaginário espacial tradicional africano na fala griot sobre
Sundjata Keita, Imperador do Mali, Senhor do Umbigo do Mundo**



EDITORA KOTEV

ÁFRICA & AFRICANIDADES: Coleção Acadêmica 1

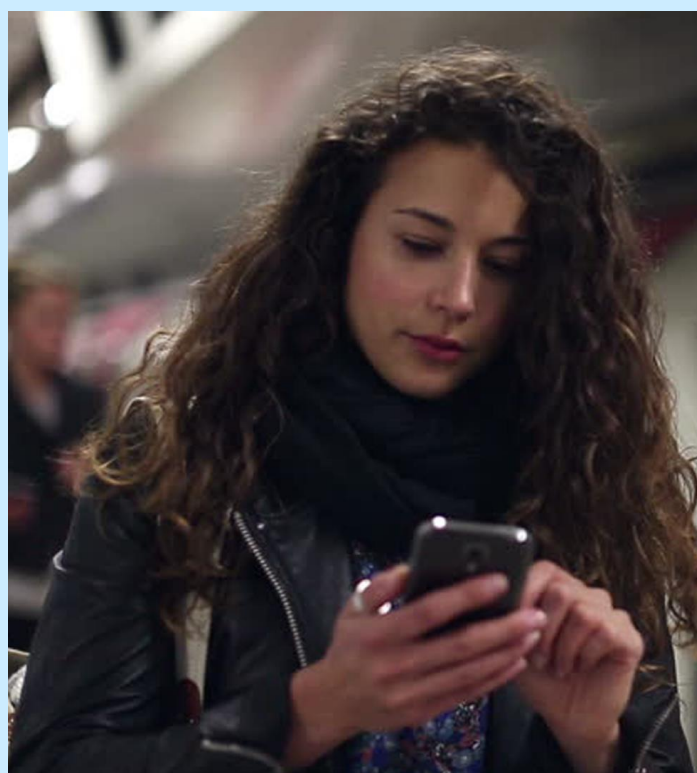
http://mw.pro.br/mw/africanidade_espaco_e_tradicao.pdf

CONHEÇA A SÉRIE AFRICANIDADES - TÍTULOS E EBOOKS ON LINE



<http://mwtextos.com.br/serie-africanidades/>

CONHEÇA A EDITORA KOTEV - PUBLICADORA DIGITAL DE SÃO PAULO



EDITORA KOTEV
**Sintonizada com
o Futuro Digital**



EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página: <http://kotev.com.br/>
Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo: atendimento@kotev.com.br